

MARIA, MÃE DOS SACERDOTES

Pe. Luiz Henrique Brandão de Figueiredo

Sabemos que Nossa Senhora, aos pés da cruz, foi-nos dada por Jesus como nossa Mãe. Pelas palavras “Eis aí teu filho...eis aí tu mãe” (Jo 19,26-27) Ela se tornou Mãe de todos os cristãos. Para todos os fiéis católicos, a maternidade de Maria tem uma particular relevância, mais ainda deveria ter para os sacerdotes. Por isso, nessa nossa reflexão, desejaria apontar alguns elementos que podem iluminar esse fato da vida sacerdotal, isto é, como Nossa Senhora e o sacerdote vivem este mistério de maternidade e filiação.

Gostaria de orientar essa reflexão, ainda que de modo sumário, em três pontos. No primeiro vamos ver o ministério sacerdotal de Jesus e como ele está presente em toda a Sua vida. No segundo ponto, procuraremos ver dois momentos da vida de Jesus em paralelo e onde a presença de Nossa Senhora não é secundária. No terceiro ponto, enfim, vamos ver de perto a relação de Maria como Mãe dos sacerdotes.

1. O sacerdócio de Jesus e a cruz

O tema do sacerdócio de Jesus foi particularmente tratado na Carta aos Hebreus. A carta toda é uma leitura alegórica, isto é, uma comparação muito elaborada do Antigo Testamento. Segundo a introdução da carta apresentada na Bíblia de Jerusalém, nela é possível reconhecer dois cursos de argumentos. O primeiro deles é consagrado ao sacerdócio de Cristo e ganha impulso a partir da exegese cristológica do Sl 8 em 2,5-18, prolonga-se em 5,1-10 e atinge seu pleno desenvolvimento em 7,1-28. E 10,1-18 é enriquecido com uma parênese (10,26-36 e 12,14-17) e chega à sua conclusão em 13,20-21.

Segundo este texto, a proclamação de Cristo como sumo sacerdote segundo a ordem de Melquisedec, por parte do Pai (Hb 5,6.10) se dá no contexto em que Cristo “dirigiu preces e súplicas, com forte clamor e lágrimas, àquele que tinha poder de salvá-lo da morte” (Hb 5,7), momento no qual Ele, “quando levou a termo sua vida, tornou-se causa de salvação eterna para todos os que lhe obedecem” (Hb 5,9). As expressões usadas no texto são sugestivas para pensarmos no drama vivido pelo Senhor durante

aquele tríduo santo. Podemos, portanto, ligar a proclamação do sacerdócio de Jesus, de modo particular, com o momento da Sua paixão, morte e ressurreição. Na cruz, Cristo exerce de modo pleno o Seu sacerdócio e é, ao mesmo tempo, altar e cordeiro (Cf. Prefácio da Páscoa V).

A experiência da cruz, momento do pleno exercício do Seu sacerdócio, pode ser localizada precisamente no tempo e no espaço, mas o seu mistério esteve presente ao longo de toda a vida de Jesus. Como não ver, por exemplo, na manjedoura feita de madeira um sinal prévio do lenho do qual pendeu nosso Salvador. Sem querer ser exaustivo nos exemplos, como não reconhecer na perseguição do Menino Deus recém-nascido por parte de Herodes uma pré figura da perseguição feita por fariseus, saduceus e herodianos, desde o início da Sua vida pública, e que culminou no iníquo processo através do qual o Justo foi perseguido, julgado, condenado e mandado à morte?! Por fim, nas Bodas de Caná, como não ligar a “hora” mencionada pelo Senhor no diálogo com Sua Mãe com aquela “hora” definitiva em que entregou Sua vida por nossa salvação?!

Ao longo de todo este caminho no qual a cruz fez parte da vida de Nosso Senhor, Maria estava lá e, segundo a profecia de Simeão (Lc 2,22-40), participaria, de modo místico, desse mesmo mistério. Por isso, gostaria de refletir sobre dois momentos da vida de Jesus em que Maria esteve presente e ver a relação que podemos estabelecer entre a maternidade de Nossa Senhora e o sacerdócio de Seu Filho.

2. As bodas de Caná e a cruz

O início do ministério público de Jesus é descrito nos quatro Evangelhos de modo distinto, mas em todos eles este início é marcado por alguns fatos que envolvem sua vida. No quarto Evangelho, o primeiro milagre feito nas bodas em Caná da Galileia ocupa um lugar particular. Ouçamos o texto:

No terceiro dia, houve um casamento em Caná da Galiléia, e a mãe de Jesus estava lá. Também Jesus e seus discípulos foram convidados para o casamento. Faltando o vinho, a mãe de Jesus lhe disse: “Eles não têm vinho!”. Jesus lhe respondeu: “Mulher, que é isso, para mim e para tí? A minha hora ainda não chegou”. Sua mãe disse aos que estavam servindo: “Fazei tudo o que ele vos disser!”. Estavam ali seis talhas de pedra, de quase cem litros cada, destinadas às

purificações rituais dos judeus. Jesus disse aos que estavam servindo: “Enchei as talhas de água”! E eles as encheram até à borda. Então disse: “Agora, tirai e levai ao encarregado da festa”. E eles levaram. O encarregado da festa provou da água mudada em vinho, sem saber de onde viesse, embora os serventes que tiraram a água o soubessem. Então chamou o noivo e disse-lhe: “Todo o mundo serve primeiro o vinho bom e, quando os convidados já beberam bastante, serve o menos bom. Tu guardaste o vinho bom até agora”. Este início dos sinais, Jesus o realizou em Caná da Galiléia. Manifestou sua glória, e os seus discípulos creram nele.

Um elemento central desta passagem, além do fato miraculoso da transformação da água em vinho, é o diálogo entre Jesus e Maria. Este diálogo é o primeiro texto do quarto Evangelho em que João fala da “hora” de Jesus. Xavier Léon-Dufour, em seu comentário ao quarto Evangelho, afirma: “‘Minha hora’ designa certamente a abertura do ministério, que será a manifestação da glória mediante o protótipo dos sinais; pode aludir também, mais adiante, a essa hora da cruz que será a de retorno à glória do Pai” (LÉON-DUFOUR, X., *Lectura del Evangelio de Juan*, 186).

Podemos dizer, então, que a “hora” se refere ao momento em que Jesus é, ao mesmo tempo, elevado à cruz e na glória, pois em Seu morrer transparece a glória do Pai, que é amor e fidelidade até o fim. Léon-Dufour, ao tratar da interpretação que João dá à expressão “hora”, ainda acrescenta:

Em 7,30 e 8,20, assim como em 13,1, João qualifica deste modo [a hora] o momento da paixão e ressurreição de Jesus. Então, se pode pensar que ao dizer “minha hora” (Jo 2,4), Jesus abria para Sua mãe a perspectiva pascal, na qual tudo ficaria “acabado”. No Calvário, quando Jesus confia Maria ao discípulo amado, voltamos a nos encontrar com os termos que foram utilizados em Caná para falar dela: “mãe de Jesus” e “mulher”. Portanto, é possível vislumbrar também aqui, à maneira de Santo Agostinho, que a manifestação da glória de Jesus em Caná é uma primeira etapa no caminho que conduz à cruz e à exaltação (LÉON-DUFOUR, X., *Lectura del Evangelio de Juan*, 192).

Seguindo este raciocínio, sem nos deter em uma interpretação das palavras e gestos de Nossa Senhora nas referidas bodas, creio ser possível dizer que seu papel na ocasião é, de algum modo, definitivo para que Jesus faça o Seu primeiro sinal que, a partir de então, o conduzirá paulatinamente à sua “hora” definitiva. Nesta perspectiva, podemos reconhecer que o texto das Bodas de Caná está intimamente ligado ao momento da paixão, morte e ressurreição de Jesus, particularmente ao momento da crucificação.

O texto do Evangelho de São João narra um dos momentos ligados à cruz assim:

Junto à cruz de Jesus estavam de pé sua mãe e a irmã de sua mãe, Maria de Cléofas, e Maria Madalena. Jesus, ao ver sua mãe e, ao lado dela, o discípulo que ele amava, disse à mãe: “Mulher, eis o teu filho!”. Depois disse ao discípulo: “Eis a tua mãe!”. A partir daquela hora, o discípulo a acolheu no que era seu (Jo 19,5-27).

Depois do relato das bodas de Caná, Nossa Senhora permanece oculta no Evangelho de São João, reaparecendo de novo neste momento definitivo da vida de Jesus. Ao mesmo tempo, o termo “hora” aparece neste Evangelho uma só vez no relato da paixão, justamente no contexto onde Maria está presente (Jo 19,27 b). Assim, se poderia ver o momento da cruz como o reverso das bodas, onde o primeiro dos sinais orientava para a plenitude da salvação que tem na paixão, cruz e ressurreição a sua realização.

Fazendo um paralelo entre o acontecimento em Caná e o momento da crucificação, um no início e outro no fim do Evangelho segundo São João, podemos tirar uma dupla conclusão. A primeira se refere ao fato de Maria aparecer neste Evangelho somente nesses dois momentos. Sendo no início e no fim, sabe-se que a realidade descrita perpassa todo o texto. Deste modo, podemos dizer que a relação de Maria com a “hora” de Jesus perpassa todo o Evangelho, toda a vida de seu Filho.

A segunda conclusão se refere propriamente ao sacerdócio de Jesus. Como já vimos, Cristo é sumo sacerdote e exerce seu ministério de modo particular na cruz, onde Ele é, ao mesmo tempo sacerdote, altar e cordeiro.

Este ponto alto do Seu ministério sacerdotal tem início, no quarto Evangelho, no primeiro sinal que Jesus fez em Caná, momento em que Ele dá início à sua “hora” até vivê-la definitivamente na cruz. Como a participação de Nossa Senhora nestes dois momentos é singular, creio que podemos dizer que Maria, desde o primeiro até o último momento da vida de seu Filho está inserida no horizonte do sacerdócio de Cristo. Ela é Mãe do Cristo Sacerdote, o introduz no caminho da Sua “hora” e o acompanha até o seu desfecho final.

Depois destas reflexões, gostaria, por fim, de falar da relação maternal de Nossa Senhora com cada sacerdote.

3. Maria, a mãe dos sacerdotes

Do texto da crucificação de Jesus, segundo São João, sabemos que além de Nossa Senhora, lá também estava João, o discípulo amado. Naquela “hora” definitiva, Jesus confiou Sua Mãe ao discípulo e este à Sua mãe. Comumente esta passagem é usada para justificar a maternidade de Maria para com todos os fiéis, o que está certamente correto. Sendo este fiel um sacerdote, creio que devemos ainda acrescentar outro elemento.

Segundo o Papa São João Paulo II, existe uma relação essencial (...) entre a Mãe de Jesus e o sacerdócio dos ministros do Filho, que é derivante daquela que existe entre a maternidade divina e o sacerdócio de Cristo (Cf. JOÃO PAULO II, *Catequese da Audiência Geral de 30 de Junho de 1993*).

Cada sacerdote, pelo fato de ser um cristão batizado, é também filho da Mãe de Deus. Somado a isso, pela graça da sua participação do sacerdócio de Cristo, o sacerdote é também filho de Maria como Cristo Sacerdote o é. “Como a João aos pés da Cruz, assim a cada presbítero é confiada, de modo especial, Maria como mãe” (CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para a vida e ministério dos presbíteros*, 68).

Podemos falar dessa relação entre Maria e o sacerdote em um duplo sentido.

O primeiro sentido é o papel de Maria como intercessora dos sacerdotes. Na já mencionada relação essencial entre Nossa Senhora e o sacerdócio dos ministros ordenados se enraíza a espiritualidade mariana de todo o presbítero.

A espiritualidade sacerdotal não pode dizer-se completa se não toma seriamente em consideração o testamento de Cristo crucificado, que quis entregar a mãe ao discípulo predileto e, mediante ele, a todos os sacerdotes chamados a continuar a sua obra de redenção (CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para a vida e ministério dos presbíteros*, 68).

O Concílio Vaticano II afirmou: “Ela é a mãe do Sumo e Eterno Sacerdote, a Rainha dos Apóstolos, a força dos presbíteros no seu ministério. Eles, portanto, devem amá-la e venerá-la com devoção e culto filial” (PO 18). Portanto, cada sacerdote deve acolher Maria como sua mãe na própria vida, fazendo dela objeto de contínua atenção e oração, de modo que Nossa Senhora é a mãe que o conduz a Cristo, que o faz amar autenticamente a Igreja, que intercede por ele e o guia para o Reino dos céus (CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para a vida e ministério dos presbíteros*, 68).

Por isso, cada presbítero deve manifestar constantemente sua devoção filial à Mãe do Sumo Sacerdote, do modo como lhe é mais favorável, não perdendo de vista os meios que a tradição nos legou para honrarmos Nossa Senhora e a Ela recorrermos em nossas dificuldades. Vale lembrar o que lemos no *Diretório para a vida e ministério dos presbíteros*:

Todo o presbítero sabe que Maria, porque mãe, é também a mais eminente formadora do seu sacerdócio, uma vez que é Ela que sabe modelar o seu coração sacerdotal, protegê-lo dos perigos, dos cansaços, dos desencorajamentos e de vigiar, com materna solicitude, para que ele possa crescer em sabedoria, idade e graça, diante de Deus e dos homens (cf. *Lc 2, 40*) (CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para a vida e ministério dos presbíteros*, 68).

Com que amor materno Nossa Senhora não olha cada sacerdote por sua pessoal identidade, mas também por ver neles a imagem do seu unigênito sacerdote?! Creio que Ela nos ama e nos acompanha como fez com seu Filho, sobretudo nos nossos momentos de cruz Ela está sempre lá, de pé, sustentando-nos para que consumemos em nossa vida a vontade do Pai.

O segundo sentido é o papel de Maria como modelo dos sacerdotes. Se de um lado é importante cultivar a devoção filial a Nossa Senhora, não se pode ser filho devoto se não se sabe imitar as virtudes da mãe. Portanto, para ser ministro humilde, obediente, casto e para testemunhar a caridade na doação total ao Senhor e à Igreja, o presbítero deve considerar a figura de Maria (Cf. PO 18).

Por outro lado, considerando os destinatários do exercício do seu ministério, a Igreja, a figura de Nossa Senhora também é exemplar.

Obra prima do Sacrifício sacerdotal de Cristo, Nossa Senhora representa a Igreja no modo mais puro, “sem mancha nem ruga”, toda “santa e imaculada” (Ef 5,27). Esta contemplação da bem-aventurada Virgem coloca diante do presbítero o ideal para o qual tender no ministério da sua comunidade, a fim de que esta seja “Igreja toda gloriosa” (Ef 5, 27) mediante o dom sacerdotal da sua própria vida (CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Directório para a vida e ministério dos presbíteros*, 68).

Portanto, cada aspecto da formação sacerdotal e da vida presbiteral pode ser referido a Maria como à pessoa humana que correspondeu, mais do que qualquer outra, à vocação de Deus, que se fez serva e discípula da Palavra até conceber no seu coração e na sua carne o Verbo feito homem para dá-Lo à humanidade, que foi chamada à educação do único e eterno Sacerdote que se fez dócil e submisso à sua autoridade materna (PDV 82).

Por isso, o sacerdote é chamado a crescer numa sólida e terna devoção à Virgem Maria, testemunhando-a pela imitação das suas virtudes. Em suma, podemos ouvir de novo as palavras do Papa João Paulo II, aquele cujo *motu é Totus tuus*: “Com o seu exemplo e a sua intercessão, a Virgem Santíssima continua a estar atenta ao desenvolvimento das vocações e da vida sacerdotal na Igreja” (PDV 82).

No contexto do tricentenário do encontro da imagem de Nossa Senhora Aparecida e do centenário das aparições de Maria em Fátima, gostaria de colocar particularmente em evidência a oração do terço como meio de manter viva e eficaz esta nossa relação com Nossa Senhora. Estou convencido que cada sacerdote deveria rezar diariamente o terço. Nas palavras de São João Paulo II, passando com a Virgem Mãe os mistérios da vida de Jesus “recordamos Cristo com Maria, aprendemos Cristo com Maria, configuramo-nos a Cristo com Maria” (RVM 13-15).

A meditação dos mistérios de Cristo é proposta no Rosário com um método característico, apropriado por sua natureza para favorecer a sua assimilação. É o método baseado na repetição” (RVM 26). Esta meditação constante do Senhor e da Sua vida é condição para a necessária configuração do sacerdote com o Sumo Sacerdote e no itinerário espiritual do Rosário, fundado na incessante contemplação – em companhia de Maria – do rosto de Cristo, este ideal exigente de configuração com Ele alcança-se através do trato, podemos dizer, “amistoso”. Este introduz-nos de modo natural na vida de Cristo e como que faz-nos “respirar” os seus sentimentos. (RVM 15)

Concluo minha reflexão convidando a todos aqui presentes a reforçarmos e, se necessário, descobrirmos a beleza, a profundidade e a necessidade de vivermos concretamente nossa devoção filial e sacerdotal à Mãe do Sumo e Eterno Sacerdote, a quem estamos unidos por força de nossa ordenação. Viva a Mãe de Deus!